

O USO DE APLICATIVOS EDUCACIONAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA

THE USE OF EDUCATIONAL APPLICATIONS IN THE TRAINING OF ENGLISH LANGUAGE TEACHERS

Hellen Boton Gandin^I 

Ana Paula Teixeira Porto^{II} 

^I Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, Frederico Westphalen, RS, Brasil.
Mestranda em Educação.
E-mail: hellengandin@gmail.com

^{II} Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, Frederico Westphalen, RS, Brasil.
Doutora em letras. Professora dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação.
E-mail: anapaulateixeiraporto@gmail.com

Resumo: Resultante de uma pesquisa bibliográfica, este artigo objetiva apresentar reflexões sobre o uso de aplicativos na formação de professores de língua inglesa. Para tanto, contempla uma abordagem sobre a formação docente no contexto digital, com referência à importância do uso de tecnologias digitais nesse processo, e sobre a exploração de aplicativos nesse contexto. Nesta perspectiva são usadas como fontes de leitura sobre a formação docente: Daiane Modelski, Lúcia Giraffa, Alam de Oliveira Casartello, Juan Carlos Tedesco e Jéssica Siqueira; acerca do uso das tecnologias digitais autores como: Vilson José Leffa, Vera Lúcia Paiva, Pierre Levy e José Moran. O estudo aponta potencialidades dos aplicativos, que, acessíveis em dispositivos móveis, oportunizam rompimento das barreiras espaciais e até mesmo temporais. Dessa forma, observa-se a mobilidade, a interatividade e a imersão em tecnologias digitais como contribuições dos aplicativos no processo formativo de professores de língua inglesa e na excelência das práticas educativas na era tecnológica.

Palavras-chave: Tecnologias digitais. Formação docente. Aplicativos educacionais.

Abstract: Resulting from a bibliographic research, this article aims to present reflections on the use of applications in the training of English language teachers. For this, it contemplates an approach on teacher education in the digital context, with reference to the importance of using digital technologies in this process, and on the exploration of applications in that context. In this perspective, the following are used as sources of reading about teacher education: Daiane Modelski, Lúcia Giraffa, Alam de Oliveira Casartello, Juan Carlos Tedesco e Jéssica Siqueira; about the use of digital technologies authors such as: Vilson José Leffa, Vera Lúcia Paiva, Pierre Levy and José Moran. The study points out the potential of applications, which, accessible on mobile devices, make it possible to break down spatial and even temporal barriers. Thus, it is observed mobility, interactivity and immersion in digital technologies as contributions of applications in the training process of English language teachers.

Keywords: Digital technologies. Teacher training. Educational apps.



DOI: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v17i32.381>

Aprovado pela Resolução 2433/
CUN/2018 do Prêmio Destaque
Edição 2020.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Introdução

Atualmente, a área educacional vem se destacando pelas significativas transformações que a era digital e tecnológica proporciona, como, por exemplo, o uso de ambientes virtuais, de softwares e de aplicativos associados a práticas de ensino. Assim sendo, observa-se uma nova perspectiva e metodologia que se adequa com as novas demandas educacionais da atualidade e que vai ao encontro com o perfil de aluno nativo digital que adentra o espaço escolar.

A mobilidade, interatividade, funcionalidades múltiplas, pluralidade de sentido e agilidade trazidos pelas tecnologias digitais são características que já fazem parte da vida do aluno desde muito cedo, e a escola – como participante ativa dentro da sociedade – necessita repensar as suas práticas metodológicas para acompanhar as mudanças que vêm ocorrendo, assim como as vivências durante formação docente, tanto inicial como continuada. Tendo em vista, que o papel docente se faz ainda mais significativo em meio a tanta informação que pareiam as crianças e jovens, atuando como facilitador e mediador diante deste percurso de constantes mudanças e transformações.

Diante disso, encontra-se a finalidade da presente pesquisa, que é abordar o contexto da formação de professores de língua inglesa na era digital observando as limitações e dificuldades encontradas diante das significantes mudanças que a realidade educativa vêm vivenciando. Nesta perspectiva, também explora-se algumas mudanças perceptíveis no perfil dos alunos-usuários, tendo em vista a familiaridade com que desempenham práticas com a utilização de recursos tecnológicos, o que desencadeia não só novos comportamentos, mas também novas formas de aprender, de se relacionar e de construir saberes

Entretanto, diante das limitações evidenciadas com a formação do professor no contexto digital, apresenta-se também as contribuições das vivências tecnológicas durante o processo formativo. Com a presença de tecnologias durante a formação, o futuro professor estabelece contato efetivo e desenvolve competências e habilidades importantes para a fundamentação de suas práticas futuras, explorando as potencialidades presentes nos mais variados recursos, como por exemplo, os aplicativos de ensino de língua. Os aplicativos destacam-se por conta de suas características, como a mobilidade, a interatividade, o fácil acesso e uso que ampliam as possibilidades do processo de ensino-aprendizagem, pois proporcionam o contato com a língua também fora do espaço escolar

Diante do manuseio e interação com aplicativos educativos, tanto no contexto de formação como na prática docente, evidenciam-se novas perspectivas de aprendizagem. Estas ferramentas ampliam-se as possibilidades tanto de tempo, como de acesso a informação e conteúdos, na qual destacam-se como relevantes ferramentas a serem utilizadas também no ambiente escolar. São novos caminhos, novas práticas, novas esferas que necessitam, cada vez mais, serem exploradas no campo educativo atual.

Resultados e discussões

A formação do professor no contexto digital

Diante do novo cenário social, marcado por significantes avanços tecnológicos e pela eclosão de recursos digitais interativos, a escola também caminha em busca de inovações em suas práticas pedagógicas, associando a escola a esse novo contexto e objetivando um ensino atualizado às novas práticas sociais. Novas formas de letramento, de leitura e de compartilhamento de saberes vêm surgindo a partir do contato diário com esses recursos digitais. Entretanto, as mudanças não se limitam somente a práticas coligadas às experiências escolares, mas também produzem novos comportamentos humanos.

Compreende-se que a tecnologia e seus recursos por si só não provocam mudanças, mas sim as práticas de uso, que se desencadeiam em diversas transições por meio do ato de experimentar, manusear. É notável a observação destas mudanças no perfil dos estudantes que transitam o chão das escolas atualmente, tendo em vista que fazem parte da geração que nasceu e, que desde então, vivenciam intimamente com esses dispositivos. Diante da íntima relação com as tecnologias, as gerações mais jovens aprimoram cada vez mais o manuseamento das ferramentas, exploram dia a pós dia recursos e funções variadas e interagem com diferentes plataformas, conteúdos e situações online de forma simultânea, e em função desta vasta circulação e participação assídua nas redes móveis, caracterizam-se como os “nativos digitais”, nascidos e participantes ativos nas práticas digitais do mundo online.

Por meio do contato com as possibilidades que as tecnologias digitais oferecem, as crianças e jovens tornam-se vulneráveis as mudanças tanto cognitivas como comportamentais, e, por isso, segundo Moran (2000, p. 20), tendem a necessitar de atividades com respostas instantâneas, rápidas e ágeis, pois são características presentes na era conectada e móvel proporcionada pelas tecnologias e que nas quais eles fazem parte:

Quanto mais mergulhamos na sociedade da informação, mais rápidas são as demandas por respostas instantâneas. As pessoas, principalmente as crianças e os jovens, não apreciam a demora, querem resultados imediatos. Adoram as pesquisas síncronas, as que acontecem em tempo real e que oferecem respostas quase instantâneas.

As características que afloram diante dessas relações com recursos tecnológicos refletem nas práticas escolares, e são visíveis aos olhos dos professores que observam por meio das resoluções de tarefas e pelo contato diário com o alunado. Porém, nesta perspectiva os professores se deparam, muitas vezes, com o manuseamento automático destes recursos, uma dependência diária por parte dos alunos, mas sem associação a propósitos educativos e que possam vir a contribuir de alguma forma aos processos de aprendizagem deste público. Essa realidade se aproxima da concepção apresentada por Tedesco (2001), na qual reflete sobre o uso destes recursos pelas crianças e pelos adultos. Segundo ele, as crianças manejam aparelhos tecnológicos mais do que os adultos, mas as crianças não pensam no sentido do ato de manusear, já por outro lado, os adultos – assim como os professores – pensam no sentido, mas nem sempre sabem operar os novos instrumentos emergentes.

Costumamos partir da premissa de que nossos alunos dominam as TDs e se articulam de forma tranquila em espaços virtuais fora da escola, trazendo para dentro dela seus hábitos e comportamentos. Isso tem se mostrado ponto de reflexão nos estudos contemporâneos acerca do processo de ensino. Ensinar e aprender, nesse cenário, é projetar para um contexto novo e em parceria com os próprios alunos, que chegam à escola com uma bagagem muito grande de conhecimentos digitais. No entanto, com tanta informação, eles necessitam do professor para orientá-los e desafiá-los na sua formação integral como seres humanos (MODELSKI; GIRAFFA; CASARTELLI, 2019, p. 04).

No contexto do processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa, o professor se depara constantemente com a vasta bagagem de conhecimento dos alunos destacado pelos autores, porém não só de saberes voltados a tecnologia, mas também a aspectos linguísticos e culturais associados a língua alvo. Observa-se que as tecnologias contribuíram significativamente para uma maior propagação da língua inglesa no mundo, uma vez que é a língua da globalização, exposta e disponível para acesso nas redes móveis e ferramentas por meio dos mais variados veículos, como: músicas, filmes, textos acadêmicos ou não, notícias, aplicativos. Expansão e importância mundial porque é notória a grande quantidade de falantes que a língua inglesa dispõe, sendo assim, considerada língua franca (BRASIL, 2018).

Assim, a propagação da língua modifica a forma como ela é ensinada e aprendida, pois assim, ampliam-se as possibilidades de contato do aluno com o idioma, tendo como possibilidade se manter conectado com ela em qualquer espaço, fazendo com que o ensino da língua não seja somente função e responsabilidade do professor e do ambiente escolar. Desse modo, Aragão e Jesus (2017, p. 169-170), expõem relevantes reflexões referentes a uma entrevista realizada com Vilson José Leffa (2017), na qual o professor aponta algumas concepções acerca da motivação dos alunos para a aprendizagem de línguas com o uso de tecnologias digitais e a ação pedagógica dos professores quanto a isso:

O lado bom é a possibilidade de que os dispositivos móveis, pelo rompimento das barreiras espaciais e mesmo temporais, possam propiciar a aprendizagem do que se deseja, tanto dentro como fora da escola. A questão, como já vimos, não é tecnológica; os recursos estão todos aí, seguramente tornando o celular a mais inclusiva das tecnologias. A questão é pedagógica e, portanto, da alçada do professor e da escola. Não tem como segurar a aquisição do conhecimento dentro das quatro paredes da sala de aula. Já estamos vivendo o conceito de cidade educadora. Isso aumenta a importância do papel do professor, que tem a oportunidade de ampliar sua ação pedagógica, tanto no tempo como no espaço.

Como como o autor aponta, há uma expansão das noções de aprendizagem, tanto da forma como se aprende, como a que se ensina, e sobretudo dos espaços educativos, ampliados por meio dos dispositivos móveis. A escola, como instituição social necessita repensar suas ações diante do envolvimento inquestionável das tecnologias, contribuindo não só para uma formação básica de qualidade, mas também para a capacitação integral do sujeito, na qual possa interagir conscientemente nas práticas atuais, observando potencialidades e limitações de maneira crítica e em prol do bem comum. Por outro lado, o professor encontra-se em um território ainda pouco explorado, na qual possui como desafio reconfigurar o seu papel frente a um universo novo, que requer novas habilidades tanto do professorado como dos alunos, e para isso, como apresentado

anteriormente, é preciso ampliar a ação pedagógica, imergindo-se integralmente nas práticas da nova era.

Porém, como se sabe, nem sempre os recursos digitais fazem parte do cotidiano do professorado assim como acontece com a realidade dos jovens, principalmente aos que tiveram a sua formação findada em décadas passadas. Em contextos contrários, os recursos podem até fazer parte das práticas diárias dos professores, porém, assim como Modelski, Giraffa, Casartelli (2019, p 14) refletem, que muitas vezes eles possuem limitações diante da aplicação e uso de tecnologias em estratégias didáticas, pois “o fato de o professor ser usuário de tecnologia não lhe garante a transposição didática”.

Estes dois casos podem ser justificado por diversos fatores diante da caminhada docente, como: a falta de conhecimento diante dos novos dispositivos, desconhecendo as potencialidades que podem ser significativas as práticas de ensino; a sobrecarga de trabalho que dificulta um aprofundamento maior diante destas ferramentas; confiabilidade em metodologias tradicionais, atualmente ineficazes diante de um novo perfil de aluno; falta de programas que incentivem e garantam formação continuada de qualidade; e primordialmente, lacunas e problemas enfrentados na formação docente.

A formação inicial docente é a fase formativa mais significativa ao aluno-futuro professor, pois é nela que se estabelece os primeiros contatos com os saberes necessários de forma específica de área e também com os aspectos didáticos que posteriormente serão lapidados no fazer pedagógico do professor. Segundo Hitzschky *et al.* (2018) uma formação inicial que proporcione vivências e experiências com o uso das tecnologias, de modo geral, é fragilizada por inúmeros fatores, nos quais a autora cita: “a fragmentação do currículo, o ensino tecnicista ou a própria escassez de disciplinas que abrangem conhecimentos relativos ao acesso, à diversidade e aos potenciais de utilização das tecnologias digitais”.

Para sobreviver no contexto fragmentado, assimétrico, desterritorializado e digital, da contemporaneidade, o professor precisa desenvolver uma série de habilidades e competências, exigências cada vez mais ligadas às TICs. No entanto, apesar das exigências do mercado de trabalho, grande parte dos professores, não familiarizados com as TICs, subutilizam seus recursos ou até desconhecem suas potencialidades no ensino (SIQUEIRA, 2013, p. 204-205).

Assim sendo, observa-se o choque entre as gerações anteriores pertencentes aos docentes, que possuem carência tanto teórica como prática diante dos conhecimentos tecnológicos, e a geração dos alunos, que possuem suas identidades firmemente marcadas pelas características de um mundo globalizado, conectado e flexível às constantes mudanças. Essas realidades distintas se encontram no chão da escola, nas práticas escolares e nas expectativas que a sociedade possui diante da educação. Reafirma-se, então, a dicotomia, na qual um perfil nasce frente ao universo das TDCs, e outro que necessita interagir neste contexto da cibercultura, sem ao menos ter o conhecimento básico para lidar com tais recursos.

Frente a esse encontro, cada vez mais o professorado encontra-se vulnerável ao sistema de ensino e as cobranças que lhe são incumbidas, tendo que superar na prática as limitações tidas em sua formação. No ensino de língua inglesa, tomando ainda como exemplo, a maioria dos professores enfrenta dificuldades com a língua em si, tendo a falta de fluência como empecilho,

e em contrapartida necessita, na sua prática diária de ensino, lidar com sua limitação diante de alunos ágeis a experimentar, com certa proximidade do idioma graças os facilitadores tecnológicos. Soma-se ainda, diante deste contexto de ensino aprendizagem de língua, a necessidade de o professorado estabelecer práticas utilizando ferramentas digitais explorando novos gêneros, letramentos, práticas e experiências da era digital, a fim de promover o manuseamento destas, desenvolvendo habilidades e competências apresentadas em documentos como a BNCC (2018), porém não só voltados as questões linguísticas, mas também tecnológicas, como o manuseamento crítico e em prol da aprendizagem significativa.

Dentre tantos exercícios importantes a serem desempenhados em sala de aula, pelo professor bem com os alunos, nota-se o grande espaço que as tecnologias ocupam nas práticas educativas da atualidade. Diante de tantos desafios que o professor enfrenta é notória a falta de preparo e de experiências durante o processo formativo do professorado, que lhes dê suporte teórico e prático acerca dos recursos e dispositivos digitais voltados as práticas de ensino-aprendizagem. Porém, segundo Siqueira (2013, p. 207) somente o uso destes recursos não asseguram as transformações e experiências necessárias:

É importante salientar que a utilização das TICs no processo de ensino–aprendizagem não se limita aos conhecimentos das técnicas informáticas. É preciso que sua utilização esteja aliada à criação de condições para o professor e o aluno se apropriarem de conceitos e habilidades que estejam relacionados a um determinado conteúdo pedagógico e contexto sociocultural. Dessa forma, não basta utilizar novas tecnologias educativas sem transformações nas práticas pedagógicas, o que deve acarretar mudanças tanto nas concepções de conhecimento e aprendizagem, como nos papéis do aluno e do professor no processo de ensino–aprendizagem.

A emergência de novas ferramentas na educação não só provoca reflexões quanto as mudanças necessárias nas práticas pedagógicas do docente, mas também evidenciam mudanças – físicas e comportamentais – a serem observadas e repensadas no contexto escolar, como: reorganização das salas de aula, novas metodologias de ensino, observação do novo papel do professor e do novo perfil de aluno, bem como novas formas de aprendizagem. São inúmeros fatores a serem reorganizados e que se fazem relevantes para que se aproxime cada vez mais na excelência da educação. E, do mesmo modo, expõem-se a necessidade de depositar também um olhar atento a qualidade da formação docente, que também necessita ser repensada, a fim de preparar integralmente um novo perfil de professores aptos a desempenhar com maestria os novos desafios que a educação atual propõe.

Nesta perspectiva, Modelski, Giraffa, Casartelli (2019, p. 13) contribuem expondo reflexões diante das competências necessárias a serem desenvolvidas pelos professores, para que assim, se consolide novas metodologias adaptadas as demandas educacionais e sociais que ao longo dos anos. Competências que não fazem parte somente da formação inicial do professor, somando-se ainda as desenvolvidas a partir da formação continuada, que capacitam e auxiliam o professorado no suprimento de lacunas diante dos novos processos de ensino que emergem através dos avanços, que nas quais, hoje, destaca-se o tecnológico:

Percebe-se que o desenvolvimento de competência é um processo complexo e contínuo e, portanto, é necessário refletir nosso próprio modo de aprender e de construir conhecimento para que, de fato, a mudança didática aconteça. Mudou o contexto tecnológico realmente; porém,

as questões metodológicas mantêm-se como um desafio em aberto, no que tange às TDs, e, naturalmente, isso se reflete nos processos formativos dos docentes.

Por fim, reconhece-se um novo perfil de aluno, novas formas de aprender e ensinar, novos recursos pedagógicos a disposição para manuseio e exploração, novos comportamentos, formas de letramento, entre outras tantas transformações que modificam o ambiente escolar e as práticas que nele são findadas. Acerca de todo este novo contexto, é necessária a reflexão diante do principal agente responsável e mediador do ensino, o professor, pois somente com a sua ação pedagógica é possível estabelecer práticas inovadoras e transformadoras com o uso de recursos digitais.

Diante disso, a formação docente também necessita revisitar novas esferas que tragam mudanças positivas. Como expõem Modelski, Giraffa, Casartelli (2019), a organização diante da formação docente é um desafio para que se atenda as demandas das escolas, mas é importante objetivar uma discussão em prol de qualificar as práticas pedagógicas, não só pautada no desenvolvimento de fluência digital. Ou seja, aprender a manusear de forma crítica, a partir de um olhar pedagógico atento às potencialidades e limitações encontradas nas ferramentas, que possam vir a contribuir ou não nos processos de ensino.

Vivências tecnológicas no processo formativo

O ato de vivenciar nunca esteve em um patamar de tamanha importância como na era da cibercultura e do ciberespaço. Para um maior aprofundamento, o termo ciberespaço, definido por Levy (1999, p. 102) como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, é uma nova forma de comunicação que tem suporte de propagação as fontes digitais, sendo na prática o processo responsável pelas inúmeras mudanças na comunicação e interação humana.

As novas formas de interação humana da atualidade, estabelecidas por meio dos novos espaços online e digitais, requerem e exigem do homem o manuseio para que se finde uma comunicação adequada a cada contexto comunicativo. Na efetividade do ato de vivenciar, acumula-se novos saberes, sentidos, descobertas e sobretudo, transforma os agentes que estiverem envolvidos no sentido de oportuniza novas experiências, que conseqüentemente provocam reflexões. É por meio da vivência diária que se obtém certa proximidade e conhecimentos ainda parciais frente a algo ainda desconhecido.

No campo educativo, o caminho a ser trilhado é o mesmo. A vivência encontra-se por traz de significativos resultados e o seu excesso não apresenta efeitos colaterais, pelo contrário, aprimora ainda mais as práticas a serem desempenhadas. Nas possibilidades propiciadas pela cibercultura, como os dispositivos móveis, por exemplo, observa-se um maior domínio por parte dos alunos – que representam as gerações mais jovens, chamados nativos digitais – como já exposto, contudo, o domínio só se consolida através de vivências diárias e intensas. Ou seja, a vivência desde cedo com esses recursos propiciam aos jovens diferentes e ricas experiências que os capacitam por meio de erros e acertos a manusear de forma cada vez mais correta e eficaz as particularidades dos dispositivos.

No contexto da formação docente, as vivências também necessitam ganhar espaço na grade curricular, principalmente no contexto atual, na qual é notável as limitações dos professores diante das novas práticas e metodologias do contexto tecnológico. Modelski, Giraffa, Casartelli (2019, p. 06) contribuem nesta perspectiva refletindo sobre o impacto das mudanças do papel do professor durante as etapas formativas:

O papel de um professor, pensado como transmissor de informação, no contexto atual, deixa de fazer sentido, porque as necessidades são outras. Dessa forma, a formação docente, seja ela inicial ou continuada, necessita da articulação das necessidades do contexto social às práticas pedagógicas. Trata-se de uma articulação que envolve competências relacionadas ao uso das TDs.

Para que as competências relacionadas ao uso das TDs sejam desenvolvidas durante a formação do professor, é necessário, conseqüentemente, que se vivencie o contato de forma profunda e diária com as diversas ferramentas e recursos digitais. Porém, o manuseio por si só não garante a aquisição de todos os conhecimentos necessário diante de determinada ferramenta, ou seja, a formação docente necessita oportunizar reflexões associadas a prática escolar futura com o uso de determinada ferramenta, em como será a utilização dela no contexto escolar e que de competências e habilidades elas poderão desenvolver nos alunos.

Criar espaços estrategicamente pensados para que o corpo docente experimente, teste, discuta e troque experiências a respeito de possibilidades didáticas, isto é, proporcionar a ambiência tecnológica que auxiliará o professor a pensar alternativas para compor suas práticas com uso de TDs (MODELSKI; GIRAFFA; CASARTELLI, 2019, p. 09) .

A formação inicial docente na era digital precisa articular aspectos teóricos com experiências práticas efetivas para que os futuros professores vivenciem por meio do manuseamento e do conhecimento científico as contribuições positivas ou não dos recursos digitais na área educativa. No que diz respeito a formação continuada, destaca-se que nela pode-se abrir espaços diversos e importantes que possam contribuir para o aprimoramento de práticas que já foram desempenhadas pelos professores, assim como atenta a autora, na perspectiva de que se discuta e se compartilhe experiências vivenciadas em sala de aula, sejam elas positivas ou não, com o uso das tecnologias digitais.

Contudo, o percurso formativo regado por vivências tecnológicas, na qual deseja-se a sua total concretização desde a etapa inicial de formação e não somente presente nas reflexões e produções científicas, traz consigo alguns empecilhos que fazem parte da realidade educativa. Um deles é deficiência na estrutura das instituições de ensino, que muitas vezes não comporta a diversidade necessária de recursos digitais para que sejam manuseados pelo público que nele venham a interagir. Como afirmado por Hitzschky *et al.* (2018, p. 114):

Diante dessa nova realidade, muitos são os desafios enfrentados por professores ao longo dos processos de ensino e de aprendizagem: a compreensão das possibilidades pedagógicas proporcionadas pelos dispositivos móveis, o processo de busca e escolha dessas ferramentas, bem como a estrutura encontrada nas escolas, principalmente da rede pública.

Destaca-se que esta realidade não só se faz presente nos espaços de formação docente, que por vezes não disponibilizam o contato com tais dispositivos, mas também na realidade encontrada nas escolas, em sua grande maioria. A percepção, desde as vivências nas etapas

formativas, frente a falta de estrutura e de recursos digitais faz-se importante, para que os professores não só desenvolvam habilidades diante do planejamento das aulas no contexto tecnológico, mas também como forma de ampliar os horizontes na sua mediação pedagógica. Ou seja, uma formação de professores que objetive o contato com ferramentas por meio da troca, do manuseio, da reflexão, e sobretudo, que capacite o professor a se arriscar, a aprender com os erros, a se adaptar, pois a ferramenta por si só não provoca mudanças.

O contato com as tecnologias durante a formação não só propicia uma aprendizagem voltada ao manuseamento de ferramentas, muitas vezes desconhecidas pelos professores em formação, mas também garantem o ato pedagógico futuro alicerçado em práticas inovadoras presentes na sociedade e pertencentes as esferas interativas dos alunos. Além disso, atribui-se a excelência no percurso formativo, na constituição de perfis docentes aptos a desenvolver competências e habilidades sobre um olhar pedagógico diante de diferentes ferramentas e recursos digitais. Posicionamento e prática docente importante que contribui para formação de leitores críticos frente as constantes mudanças, que compreendam a sociedade nos seus aspectos culturais, históricos e de valores, não só a sociedade na qual fazem parte, mas também dispostos a aprendizagem de novas realidades, por meio do contato com outras línguas.

Inovações na formação docente também defendida por Modelski, Giraffa, Casartelli (2019, p. 12): “Percebe-se que a formação docente ainda necessita mobilizar-se no sentido de articular a teoria com a prática, e vice e versa, para formar professores cada vez mais capacitados em uma sociedade conectada”. Aqui, destaca-se novamente a importância da prática associada a teoria, mas que se sobressai no sentido de proporcionar outras novas experiências por meio do contato, do toque, do vivenciar. Como assim, também, explicitado nas palavras de Hitzschky *et al.* (2018, p. 119), a articulação da teoria e a prática “possibilita importantes mudanças no fazer docente, por meio da interferência direta no contexto que cerca os alunos, contribuindo para uma postura crítica de atuação e transformação da realidade.”

Por fim, evidencia-se a importância da formação de professores na era da cibercultura, tendo em vista que é pelas práticas pedagógicas, metodológicas e pela ação do sujeito professor que as tecnologias serão apropriadas como ferramentas facilitadoras na aprendizagem. É a partir da mediação do professor que os alunos irão depositar um olhar atento e crítico diante dos dispositivos tecnológicos, nos quais já estabelecem contato no dia a dia, embora muitas vezes não consigam mensurar as possibilidades neles camufladas.

Processo de ensino-aprendizagem através da mobilidade dos aplicativos

Em meio a tantos recursos tecnológicos disponíveis atualmente, os aplicativos destacam-se dos demais pelas diversas possibilidades ofertadas, principalmente quando associados ao processo de ensino-aprendizado de línguas. Ainda, sua presença no contexto educativo pode beneficiar não só os alunos através da interação e do seu manuseio, mas também auxiliando nas práticas pedagógicas dos professores, destacando-se como uma ferramenta facilitadora da aprendizagem podendo ser somada a outros recursos de apoio.

O ensino de língua inglesa, já debatido anteriormente, vem sendo facilitado pelas ferramentas tecnológicas, e em sua maioria, destacam-se os aplicativos, tendo em vista que estes dispõem de importantes características que ampliam as possibilidades de contato com o idioma. Dentre elas destacam-se a mobilidade, a interatividade, o fácil acesso e uso, que garantem a chamada aprendizagem móvel mediada por celulares e por vezes computadores, porém, de forma específica os aplicativos são programas elaborados particularmente para plataformas móveis como celulares, *smartphones* e *tablets*. A aprendizagem móvel mediada por esses dispositivos, segundo Alda e Leffa (2014, p. 81), proporcionam também “uma aprendizagem personalizada, espontânea, informal e ubíqua”.

A mobilidade que permeia diversas outras ferramentas vem ampliando o tempo e as formas de acesso à aprendizagem, não só de língua inglesa como destaca-se com maior afinco neste trabalho, mas com diversas outras áreas para além dos bancos escolares. A aprendizagem está presente em todos os espaços, não limitando-se somente no ambiente escolar e por meio da explanação do professor. O aluno, relaciona-se com tantas informações devido a aprendizagem móvel disponibilizada pelos dispositivos digitais que acaba ocupando um papel ativo e decisivo na sua construção de conhecimento.

Muitos aplicativos podem ser usufruídos de forma gratuita, baixados em aparelhos celulares, ou também oferecendo a opção de manuseio diretamente pelo site, via computador. Porém, quando utilizados via aparelhos celulares as possibilidades aumentam, uma vez que o celular oferece uma mobilidade maior, pois pode ser carregado para qualquer espaço e ambiente garantindo a interação com os aplicativos em qualquer momento. Além disso, Alda e Leffa (2014, p. 87) descrevem o celular como uma “ferramenta mediadora adaptável em qualquer língua”, assim como os aplicativos, oportunizando ao aluno-usuário e até mesmo o professor, vivenciar diferentes experiências com o contato de diversas línguas e culturas.

Os aplicativos não oferecem somente o contato com a língua em si, pois oportunizam uma organização dos conteúdos e lições de forma atrativa e interfaces com diversas possibilidades de interações, pois nessas plataformas estão dispostos vários recursos que vão além do contato básico como idioma por meio de atividades. Esses recursos se diferenciam de um aplicativo para o outro, conforme as metodologias e abordagens específicas em cada plataforma. Alda e Leffa (2014, p. 98) contribuem nesta perspectiva, confirmando a interatividade presente nessas ferramentas. Segundo os autores, os aplicativos:

[...] tendem a ser mais interativos e agradáveis de utilizar, uma vez que são capazes de abranger e integrar diversos tipos de atividade em uma só – por exemplo, ao invés de utilizar as funcionalidades de SMS, internet, reproduzidor de áudio e reproduzidor de vídeo de maneira separada, um aplicativo é capaz de unificar funções variadas em um único programa.

Diante dessa variedade de particularidades, o contato com o idioma, bem como o seu aprendizado torna-se prazeroso e instigante, pois associam-se aspectos de conteúdos e regras a serem aprendidas formalmente em sala de aula com o manuseio de recursos interativos e digitais. Desta forma, inconscientemente, o aluno-usuário estabelece contato com o idioma em diferentes momentos da sua rotina diária, memorizando conceitos e findando relações cada vez mais íntimas

com a língua, dialogando, interagindo e desenvolvendo competências comunicativas por meio da realização de tarefas, lições, jogos, disputas e metas que prendem sua atenção silenciosamente.

Já as práticas de ensino beneficiam-se também dessas possibilidades. O professor necessita observar que com o manuseio dos aplicativos, o usuário é exposto a uma variedade imensa de vocabulário, de expressões idiomáticas e expressões específicas da língua inglesa e que toda essa bagagem favorece a aprendizagem do aluno, e por isso, deve-se fazer presente também no contexto escolar como uma ferramenta complementar, inovadora e facilitadora da aprendizagem.

Souza (2015, p. 42-43) propõe que: “Cabe ao professor, enquanto mediador do processo, definir a rota de aprendizagem, sensibilizando os educandos para a importância de fazer uso desse tipo de tecnologia em ambiente extraclasse, como modo de se manter em contato com o idioma alvo”. A partir da exposição do autor, destaca-se novamente a importância de uma formação que expanda os olhares às novas práticas, compreendendo que as ferramentas estão mudando a forma como os alunos aprendem e que é preciso delimitar a rota a ser seguida diante de tanta formação disponível.

A aprendizagem através da mobilidade estimula práticas autônomas, pois é o aluno que vai em busca de conhecimento, do exercício proporcionado pelo manuseio do aplicativo, e, conseqüentemente, se desafiando a aprender, mesmo como forma de passa tempo e entretenimento em momentos livres do dia a dia. Souza (2015, p. 42) adverte que o uso dos aplicativos voltados ao ensino de língua inglesa “auxiliam no desenvolvimento e/ou enriquecimento de habilidades comunicativas, tais como: produção oral, produção escrita, compreensão oral, compreensão escrita”, ou seja, muitas habilidades que são desenvolvidas com a aprendizagem de língua podem ser praticadas em qualquer ambiente com o uso de aplicativos, ficando assim, sob responsabilidade de cada estudante com a sua aprendizagem.

Contudo, a aprendizagem móvel enlaça não só o aluno aprendiz, mas também o docente que media o conhecimento. O aluno estabelece contato com muitas informações a partir do manuseio dos dispositivos, tanto dentro como fora da escola, e o professor necessita tornar essa informação em conhecimento.

As tecnologias, então, contribuem significativamente para aumentar nosso acesso à informação. Porém, todas as análises a respeito indicam que, assim como a informação por si só não acarreta conhecimento, a mera existência de comunicação não implica a existência de uma comunidade. As tecnologias nos dão informação e permitem a comunicação condições necessárias do conhecimento e da comunidade. Porém, a construção dos conhecimentos e da comunidade é tarefa das pessoas, não dos aparatos (TEDESCO, 2001, p. 69-70).

Na aprendizagem móvel o professor potencializa o processo de compreensão, por meio da sua ação pedagógica, da adequação dos recursos de mídia e digitais às atividades pedagógicas interativas, que possam explorar as potencialidades dos aplicativos como forma de contribuir para a aprendizagem significativa do aluno. Dessa forma, a aprendizagem móvel possibilita a troca de experiências entre professor-mediador e aluno-usuário, garantindo uma aprendizagem compartilhada, por meio da criação de situações problema, de produção e de construção. Assim como destaca Sonogo e Behar (2015, p. 522) a respeito da aprendizagem móvel:

Este tipo de aprendizagem ocorre mediada pelos dispositivos portáteis e conectados em rede, na qual, os envolvidos (professores e estudantes) tanto podem procurar informações, como receber e compartilhar a mesma. No entanto, a ocorrência da informação de forma imediata, não garante que a aprendizagem seja efetivada pelos estudantes. Para isso, é necessário propor situações desafiadoras para que possa ser desenvolvido o processo de aprendizagem.

A aprendizagem móvel disponibilizada nos aplicativos torna-se oferece condições e possibilidades para a ampliação da interação e comunicação entre o professor e aluno, na qual ambos possam construir momentos integrativos com a associação de demais recursos, a fim de concretizar saberes de forma lúdica e prazerosa, explorando potencialidades das ferramentas tecnológicas, e ao mesmo tempo exercitando e desenvolvendo no aluno habilidades e competências importantes para a formação integral do alunado.

Considerações finais

Ao se discutir o uso de dispositivos móveis para a formação de professores de língua inglesa, algumas considerações são oportunas. A primeira refere-se à inegável potencialidade de aplicativos para contato, interação e aprendizagem da língua, pois, de acordo com Souza (2015), a exploração de aplicativo aponta a possibilidade de se manter em contato com o idioma alvo a qualquer hora e em qualquer lugar, utilizando os aplicativos. Ou seja, os aplicativos apresentam-se como ferramentas que ampliam o tempo e as formas de acesso à aprendizagem da língua inglesa para além dos bancos escolares.

Nesta mesma perspectiva, reforçam-se as palavras dadas por Leffa, citado em Aragão e Jesus (2017), ao apresentar as diversas potencialidades presentes nos dispositivos móveis, principalmente a do rompimento das barreiras espaciais e até mesmo temporais, que propiciam uma aprendizagem tanto dentro como fora da escola, evidenciando a mobilidade e a interatividade presente também nos aplicativos. Sob esse viés, a formação de professores de língua inglesa que recorrem ao apoio de aplicativos tem outro ganho: a ampliação do tempo-espacos destinados a interação com a língua estrangeira, que pode ser explorada a qualquer tempo e lugar sem restrições.

O manuseio dos aplicativos faz com que a língua se torne mais próxima do aluno, a fim de que ele a conheça e a aprenda, de forma “personalizada, espontânea, informal e ubíqua”, como afirma Alda e Leffa (2014, p. 81). Dessa forma, cada usuário pode usar os aplicativos como e quando quiser, aproveitando-se de seus interesses e curiosidades quanto à língua inglesa, e isso permite essa aprendizagem personalizada, informal e ubíqua referida pelos autores. Trata-se, nesse sentido, de uma experiência que os professores podem ter também como referência para melhor conhecer como seus alunos aprendem e como os aplicativos podem ser melhor usados em contextos de sala de aula presenciais.

Por serem ferramentas que emergiram na era digital e tecnológica, os aplicativos proporcionam o contato direto diferentes semioses, linguagens, conteúdos audiovisuais. Sob esse prisma eles também se adéquam ao que propõe a Base Nacional Comum Curricular (2017), que manifesta a necessidade de práticas e ferramentas a serem manuseadas e apresentadas aos

alunos, como forma de propiciar aprendizagem de línguas no contexto tecnológico, garantindo uma maior possibilidade de interação, participação, circulação e acesso de diversos materiais que estão em circulação nas redes móveis da internet.

Por fim, conclui-se que os aplicativos, quando utilizados como ferramenta na aprendizagem de língua inglesa, possibilitam o acesso a TDs como meios de promoção de uma formação qualificada aos docentes, pois estes também necessitam estar imersos em um contexto digital. Além disso, os aplicativos são ferramentas de fácil acesso e sem custo, o que viabiliza também essa formação digital do professor.

Diante disso, afirma-se que os aplicativos são bons aliados para manter-se em contato com o idioma alvo em qualquer ambiente, e principalmente fora da sala de aula, estimulando práticas autônomas em que o aluno seja o protagonista da sua construção de aprendizado. Devem ser usados como uma entre tantas outras ferramentas de apoio ao ensino, sendo analisada com olhar crítico para identificação de seus pontos positivos e negativos. Ainda se sublinha que os aplicativos constituem na atualidade como importantes ferramentas a serem criticamente analisadas e estudadas pelos professores das áreas de licenciatura, a fim de melhor compreender o manuseamento, bem como a finalidade pedagógica desses recursos emergentes da era digital e conectada.

Referências

ALDA, Lucía Silveira. LEFFA, Vilson José. Entre a carência e a profusão: Aprendizagem de línguas mediada por telefone celular. **Revista Conexão** – Comunicação e cultura, Caxias do Sul, v. 13, n. 26, p. 75-97, 2014. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/2556/1756>. Acesso em: 23 jun. 2020.

ARAGÃO, Rodrigo Camargo. JESUS, Dánie Marcelo de. Tecnologias digitais móveis e ensino de línguas: entrevista com Vilson José Leffa. **Polifonia**, Mato Grosso, v. 24, n. 35, p.165-172, 2017. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/6037/3924>. Acesso em: 22 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 01 ago. 2020.

HITZSCHKY, Rayssa Araújo *et al.* O uso de aplicativos educacionais no Ensino Fundamental em tempos de aprendizagem móvel: contribuições para a formação de professores. **Tecnologias na Educação**, Ceará, v. 26, n. 26, p. 113-134, 2018. Disponível em: <https://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2018/09/Art7-vol.26-EdicaoTematicaVIII-Setembro2018.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999. Disponível em: <https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

- MODELSKI, Daiane. GIRAFFA, Lúcia M. M. CASARTELLI, Alam de Oliveira. Tecnologias digitais, formação docente e práticas pedagógicas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 45, p. 180-201, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022019000100515&tlng=p. Acesso em: 01 ago. 2020.
- MORAN, José Manuel. MASETTO, Marcos T. BEHRENS, Ilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000. Disponível em: https://www.academia.edu/10222269/Moran_Masetto_e_Behrens_-_NOVAS_TECNOLOGIAS_E_MEDIA%C3%87AO_PEDAGOGICA. Acesso em: 22 jul. 2020.
- SIQUEIRA, Jéssica Câmara. O uso das TICs na formação de professores. *Interdisciplinar, Itabaiana/SE*, v. 18, n. 02, p. 203-215, 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1649>. Acesso em: 05 ago. 2020.
- SONEGO, Anna Helena Silveira; BEHAR, Patricia Alejandra. M-Learning: reflexões e perspectivas com o uso de aplicativos educacionais. In: XX CONGRESSO INTERNACIONAL DE INFORMÁTICA EDUCATIVA, 20, 2015, Santiago/chile. *Nuevas Ideas en Informática Educativa TISE 2015*. Santiago/chile: Jaime Sanchez, 2015. v. 11, p. 521-526. Disponível em: <http://www.tise.cl/volumen11/TISE2015/521-526.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2020.
- SOUZA, Carlos Fabiano de. Aprendizagem sem distância: Tecnologia digital móvel no ensino de língua inglesa. **Texto Livre: Linguagem e tecnologia**, Minas Gerais, v. 8, n. 1, p.39-50, 2015. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- TEDESCO. Juan Carlos. **O novo pacto educativo**. São Paulo: Ática, 2001.